

VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA NA SOLETRAÇÃO MANUAL EM LIBRAS

Hadassa Rodrigues Santos ¹
Ana Carolina Costa de Souza ²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa de iniciação científica que teve como objetivo analisar a variação fonético-fonológica na produção datilológica em Libras, considerando variáveis linguísticas e extralinguísticas. A pesquisa analisou as modificações de forma no parâmetro configuração de mãos (CM) condicionadas pelo contexto fonológico no fluxo da soletração manual de surdos e ouvintes, proficientes em Libras, a partir da coleta de vídeos sinalizados. O estudo identificou a ocorrência de variação condicionada, resultantes do processo fonológico de assimilação, especificamente, do tipo perseveração e antecipação. Tais processos de assimilação incidem sobre todos os parâmetros fonológicos da Libras, dos quais nos atemos ao parâmetro CM. Os resultados evidenciaram uma relação entre variáveis extralinguísticas que remetem ao perfil linguístico do informante e ao gênero e os processos fonológicos observados na variação da soletração manual, além de interferências extralinguísticas.

Palavras-chave: Variação; fonética; fonologia; Libras

¹ Professora Doutora da Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). hadassa.rodrigues@ufff.br.

² Graduanda do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Bolsista do Programa de Iniciação Científica (BIC) da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPP) da UFJF. souza.carolina@estudante.ufff.br.

INTRODUÇÃO

As línguas são sistemas recursivos, cujas unidades mínimas se combinam e se recombinaam, constituindo o seu acervo lexical. Em sua produção, as línguas apresentam traços fonológicos que podem incidir sobre a articulação de um fonema alterando-o a sua forma, ocasionando assim, a ocorrência de variação em uma comunidade de fala. Apesar de não dispormos ainda de uma descrição consolidada da Fonologia da Libras, os estudos têm avançado e, com esse intuito, esta pesquisa se volta para a descrição da variação fonético-fonológica, a fim de evidenciar as diferentes formas de articulação no fluxo da soletração manual.

De acordo com os estudos de Xavier e Barbosa (2014), que perpassam a Fonologia Gestual, a variação fonético-fonológica pode incidir sobre os cinco parâmetros que constituem a Língua Brasileira de Sinais – Libras, a saber: configuração de mãos (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MOV), orientação da palma (OR) e expressão não-manuais (ENMs).

Quanto aos processos fonológicos que resultam na produção de formas variantes da articulação, há registros de três referências à processos de assimilação: a assimilação de CM nos trabalhos de Leite (2008) e de McCleary e Leite (2012), e a assimilação na mudança histórica de sinais compostos que resultaram na formação de sinais simples em Diniz (2011). Segundo Leite (2008, p. 218), há “assimilação da configuração de mão do sinal subsequente pelo sinal inicial, em sua fase expressiva ou até mesmo em sua fase de preparação”. McCleary e Leite (2012), por sua vez, atribuem a ocorrência de assimilação ao aumento da velocidade da fala e para isso apresentam exemplos de assimilação de CM em sinais adjacentes.

Delimitar a soletração manual como objeto central da pesquisa, para que se obtivesse os processos fonológicos subjacentes, foi uma etapa crucial, principalmente defronte aos estudos que apontam a premissa de que a datilologia é um empréstimo linguístico da língua oral à língua sinalizada como um recurso para que falantes das duas línguas pudessem estabelecer comunicação entre si.

Em razão disso, esta pesquisa visou (1) analisar e decodificar a existência de processos fonológicos que recaem unicamente sobre o parâmetro da configuração de mão (CM) em condição espontânea de sinalização e, também, focalizou (2) identificar

padrões destes mesmos processos que apresentassem relação com o perfil linguístico do informante, investigando em que proporção as características extralinguísticas são capazes de afetar a produção linguística.

METODOLOGIA

A proposta de pesquisa foi aplicada como um estudo dirigido da disciplina de Introdução à Fonética e Fonologia para acadêmicos do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que consistia em observar a variação fonético-fonológica de configuração de mãos na soletração manual da Libras. Com base em uma abordagem de natureza qualitativa e quantitativa, os alunos seguiram os seguintes procedimentos para coletar os dados necessários à pesquisa.

Primeiramente, foi definida a letra do alfabeto manual, da qual seria realizada a coleta. Em seguida, a seleção de três palavras típicas da língua portuguesa que começassem apresentasse a referida letra, porém, em posições diferentes da palavra, atentando-se para que a letra antecedente e a subsequente não se repetissem.

Como material de apoio, foi recomendável o uso de imagens que representassem o conceito associado à cada palavra selecionada, facilitando a compreensão pelos surdos. Os informantes deveriam ser surdos fluentes em Libras e ouvintes também fluentes em Libras, abrangendo diferentes faixas etárias.

A coleta de dados foi realizada em situações de comunicação informal com cinco informantes distintos para cada letra analisada, e coletadas informações referente à idade, gênero e o tempo de contato com a língua de sinais.

Para tal, foi necessário o aceite do informante para participação na pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da autorização do uso de imagem. O registro da sinalização do informante se deu a partir da gravação em vídeo, utilizando a câmera do celular em posição horizontal, submetendo-os, posteriormente, para o YouTube, com o link correspondente sendo disponibilizado.

Os dados coletados e disponibilizados pelo trabalho acadêmico³, norteou o início da presente pesquisa de iniciação científica vinculado ao Programa de Iniciação

³ As gravações dos informantes utilizadas para análise dos dados desta pesquisa podem ser acessadas através do link: https://drive.google.com/drive/folders/1De6n468I13BzfvH_CATLVIBu9GrmEFCV

Científica (IC) da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPP) da UFJF, que se responsabilizou em organizar, decodificar e apontar os processos fonológicos decorridos da sinalização datilológica típica dos informantes. Alguns procedimentos também foram listados como “tarefas” pela professora orientadora do projeto ao decorrer das reuniões.

Inicialmente, os dados da pesquisa foram retomados por meio do acesso à pasta da disciplina de Fonética e Fonologia no Google Classroom, dos links referentes aos vídeos de coleta de dados disponibilizados pelos alunos, organizando-os em seguida, em uma tabela, que elencou o perfil dos informantes, a letra analisada e as palavras usadas na sinalização datilológica.

Depois foi necessário detalhar o tipo de processo fonológico presente em cada sinalização, observando a incidência das letras anteriores e subjacentes à letra analisada e verificando se, além desta, se outras letras também sofreram variação na mesma palavra. Devendo, então, identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas por informante.

A análise deveria incluir a identificação das letras que sofreram maior variação entre os informantes, organizando-as em ordem decrescente de ocorrência. Também foi importante apontar o perfil linguístico e o gênero que apresentaram maior frequência de variação, assim como observar se a posição do fonema (configuração de mão) influenciou a variação.

Por fim, realizou-se um cruzamento dos dados quantitativos e qualitativos para verificar o grau de ocorrência da variação fonético-fonológica nos dados coletados. Com base nesses resultados, analisou-se os resultados finais para divulgação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A importância de debruçar-se sobre os estudos ao qual recaem os olhares da fonética e da fonologia, está intimamente ligada ao conhecimento de quais são as unidades mínimas da língua, quais relações estabelecem entre si e se exercem alguma função distintiva.

Os traços fonológicos manuais, ao desempenharem valor distintivo no interior do sistema linguístico da Libras, alteram a produção articulatória dos sinais datilológicos ou lexicais por meio de processos fonológicos. Quanto ao tipo, os

processos podem ser linguísticos (condicionados fonologicamente) ou extralinguísticos (não condicionados), o primeiro ocorre quando a mudança no nível fonológico tem motivação diretamente relacionada ao seu sistema linguístico, o segundo quando a mudança tem motivação externa ao seu sistema linguístico, que pode ser social, cultural ou de gênero. As variações linguísticas fonologicamente condicionadas, de acordo com os estudos de fonologia articulatória (XAVIER, BARBOSA, 2014), resulta do fenômeno denominado coarticulação, onde gestos articulatórios sobrepõem-se a partir de uma antecipação ou perseveração, observado em situação comunicativa espontânea onde o falante antecipa ou mantém um traço fonológico, próprio de uma unidade paramétrica, mesmo ao realizar outra, apresentando a influência de uma sobre a outra.

Ao traçar, então, os sinais datilológicos como viés de análise da variação fonética-fonológica, deparamo-nos com o questionamento se a soletração manual é configurada como um empréstimo linguístico ou como parte do sistema linguístico inato à língua, impondo-nos a necessidade de investigar a bibliografia que se preza a discorrer sobre as duas premissas e apontar a veracidade de uma delas ou de ambas, parcialmente.

Padden (1998, p. 96) afirma que “o alfabeto digital é um tipo de sistema manual que representa a ortografia da linguagem oral”. Ramos (2005), Castro Júnior (2010), Fernandes e Romeiro (2016), ao dissertarem acerca do caráter da soletração manual da Libras, obtiveram conclusões que dialogavam entre si, concebendo a datilologia como uma ferramenta que auxiliava na intercomunicação entre línguas de modalidades diferentes e podia se referir a nomes próprios, lugares e terminologias para quais ainda não houvessem sido criados sinais termo.

Cordeiro (2019, p.36) retoma o assunto da soletração manual enquanto um empréstimo linguístico e afirma que “qualquer desses elementos tomados como empréstimos podem sofrer algum tipo de adaptação, principalmente de ordem fonológica, por haver na língua receptora seu próprio sistema linguístico constituído”. Logo, infere-se que a soletração manual nas línguas de sinais, mesmo adotadas como um recurso da língua oral, se apropria de mecanismos espaciais e visuais próprios da língua de sinais para emitir uma mensagem.

Baseada nesses estudos, a conclusão que se chega é de que os inúmeros elementos inatos ao sistema linguístico da Libras, implicados na organização da

gramática da datilologia, perante um processo de evolução linguística, deixou de ser tomada como um empréstimo linguístico para ser tomada agora como convencionalização, processo observado também na soletração manual, em razão disso, a articulação das CMs utilizadas na soletração manual também é afetada por processos de variação fonológica, visto que processos como esse incidem sobre todo o sistema linguístico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa, portanto, analisou as configurações de mãos referentes às 25 letras utilizadas na soletração manual do alfabeto do português em Libras, a partir de uma amostra constituída por 56 palavras, das quais apresentavam a ocorrência dessas CMs em posições diferentes na soletração manual. Apenas a CM referente à letra “K” não constituiu a amostra, e as letras X e Y não apresentaram ocorrência de variação em nossos dados.

Foram observadas a produção da articulação de 27 informantes, sendo 16 surdos e 11 ouvintes sinalizantes da Libras. O gênero também foi uma das variáveis extralinguísticas elencadas para a análise, sendo que 18 são mulheres e 9 são homens. Quanto ao perfil linguístico desses informantes, 11 tiveram contato com a Libras desde à infância e 16 tiveram o primeiro contato com a Libras após essa fase. Os informantes foram classificados por grupo de faixa etária, compreendendo um espectro entre 18 a 68 anos.

A análise dos dados demonstrou que uma maior frequência de ocorrência da assimilação por perseveração na soletração manual, isto é, a permanência de traços da articulação da letra que antecede a sua articulação. A figura 1 exemplifica esta ocorrência na soletração da palavra TOMATE, em função da orientação lateral da primeira letra T, o informante realizou todas as letras subsequentes com a OR lateralmente, veja o OR não esperada da letra “A”:

Figura 1 – Assimilação por perseveração na soletração de TOMATE



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Outro exemplo deste processo é a assimilação na soletração da palavra ZUMBIDO. A informante articula a letra 'B' sem o espriamento da mão, uma vez que assimila a postura da letra 'M', conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – Assimilação na soletração de ZUMBIDO



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A ocorrência do processo de assimilação por antecipação é exemplificada pela Figura 3. Ao soletrar a palavra BACIA, o informante assimila a CM da letra 'i' em coocorrência com a articulação da letra 'C':

Figura 3 – Assimilação por antecipação na palavra BACIA



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao se considerar o perfil linguístico do informante, não houve uma diferença significativa entre o perfil linguístico e o tipo de processo fonológico que resultou em variação na CM analisada. No entanto, o gênero foi uma característica que chamou à atenção, as mulheres apresentaram mais ocorrência de variação na articulação do parâmetro CM na soletração em relação aos homens, especialmente, por meio da perseveração de traços fonológicos antecedentes.

Figura 4 – Assimilação por perseveração na soletração de ESPANTALHO



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na Figura 4, a informante altera a OR típica da letra 'T', para a lateral, na soletração da palavra ESPANTALHO, em função da orientação da palma direcionada para frente das letras que a antecede.

Quanto à faixa etária, os informantes apresentaram maior ocorrência de variação da CM por perseveração no grupo 18-38 anos, cabe enfatizar que este é o grupo com maior representação na amostra. A variação por antecipação, no entanto, apresentou menor ocorrência nas faixas etárias de 38 a 68, gradativamente.

Cabe salientar que interferências relativas ao contexto da coleta de dados e às características particulares do indivíduo resultaram em formas variantes na soletração manual.

Por exemplo, a posição da câmera do celular no momento da gravação condicionou a alteração na orientação da palma em algumas CMs, de forma a ser capturada em uma posição diferente da usual, conforme mostra a figura 5, o informante mantém os olhos para baixo ao fazer a leitura da palavra a ser soletrada o que influencia no modo da sua articulação.

Figura 5 – Interferência do contexto da coleta de dados:



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Fatores anatômicos também foram considerados na análise, há indivíduos que apresentam uma rigidez em sua articulação manual, de forma a não estender totalmente a mão em CMs que são marcadas pela palma aberta ou em casos que o indivíduo apresenta relaxamento de dedos sem que isso, necessariamente, configure um processo fonológico.

A ocorrência de características individuais é observada na articulação da letra 'M' por uma das informantes da pesquisa. Nota-se que a forma de produção desta CM incorpora aspectos de sua anatomia, visto que em diversas ocorrências a sua produção é feita sem a extensão do dedo anelar no fluxo da soletração manual, como se pode ver nos registros da soletração de CAMA, CAPIM e MERCADO, respectivamente:

Figura 6 – Variação na articulação da letra ‘M’:



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de Iniciação Científica analisou a variação no parâmetro configuração de mãos, a partir do fluxo de sinalização da soletração manual em Libras por informantes surdos e ouvintes. Como resultado preliminar, foi possível reconhecer e classificar os tipos de processos de assimilação, já relatados em estudos de línguas de sinais, como a perseveração e a antecipação de traços fonológicos.

Também foram consideradas na análise as variáveis extralinguísticas, ao relacionar os processos fonológicos identificados quanto ao gênero do informante, a faixa etária e o perfil linguístico. Em síntese, a ocorrência de processos de assimilação resulta em uma economia linguística e refletem um conforto articulatório na soletração manual dos informantes.

Os resultados obtidos por meio deste trabalho merecem um aprofundamento teórico e empírico, a fim de se validar os processos fonológicos a partir de outras amostras, bem como ao se considerar variáveis de natureza diferente daquelas elencadas para a análise.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, R. A. A. **Sinal datilológico em Libras**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- DINIZ, H, G. **A história da Língua de Sinais dos surdos brasileiros**: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
- FERNANDES, C. C; ROMEIRO, C. A. A contribuição da datilologia como estratégia metodológica no processo de alfabetização. **Revista Diálogos**, v. 4, n. 1, 2016.

PADDEN, C; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voices from a culture**. London, UK: Harvard University Press, 1998.

RAMOS, C. R. **História da datilologia**, 2005. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo3.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MCCLEARY, L. Leite, T. **Turn-taking in Brazilian Sign Language: Evidence from overlap**. To be published in Journal of Interactional Research in Communication Disorders, 2012.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

XAVIER, A. N; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais das libras. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.